

Francisco Neto Pereira Pinto

SAUDADES
DO MEU
GATO
DOM



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pinto, Francisco Neto Pereira
Saudades do meu gato Dom / Francisco Neto Pereira
Pinto. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2023. –
(Mercadinho)

ISBN 978-85-7591-767-1

1. Afeto - Literatura infantojuvenil 2. Luto - Literatura
infantojuvenil 3. Saudade - Literatura infantojuvenil
I. Título. II. Série.

23-176910

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

capa: Mateus Saraiva
técnica utilizada: arte digital
gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final: do autor
bibliotecária: Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Dedicatória

*À Ana Paula, minha querida esposa;
Aos nossos dois filhos humanos, Théo e Ravi,
e à nossa filha quatro patas Calíope.*

Agradecimentos

*À Maria Elisa Meirelles, editora da
Mercado de Letras, pela aposta de sempre.*

SUMÁRIO

PAIS DE GATO? **7**

COMO TUDO COMEÇOU? **10**

VOCÊ ATROPELOU OS GATOS? **13**

COMO ERA O DOM? **18**

POR QUE É TÃO DIFÍCIL DIZER ADEUS? **23**

AMAR É TAMBÉM DEIXAR PARTIR? **28**

PAIS DE GATO?

Amar às vezes é deixar partir. Dom se foi em uma noite de quinta-feira, nublada, sem estrelas no céu ou lua como testemunhas de sua morte, que foi sem dor, agonia, sofrimento, abandono. Era início de abril, e caía uma chuva fina e persistente. A cidade estava úmida, porém frenética. O trânsito como um formigueiro, com alunos e professores – inclusive eu – indo para as faculdades, e trabalhadores em busca de seus lares, suas famílias, de um descanso.

Dom não voltaria jamais para seus pais, seu irmão Théo, e não conheceria seu irmãozinho Ravi, que nasceria quase dois meses depois. Recebeu uma dose letal de anestésico, entrou em sono profundo, para não perceber que a morte, como uma dama branca e com patas de ferro, o rondava. Não sabia que aquele pequeno alojamento na clínica veterinária seria sua última morada em cima desta terra antes de ir habitar o

nada, a não vida, o mundo eterno das lembranças e das saudades nos corações daqueles que o amavam. Saiu de sua casa em uma quarta-feira ao meio dia, sem saber que era apenas uma ida, para nunca mais voltar. Será que, secretamente, no jeito gato de ser, realizou sua última despedida?

Dom morou conosco por cerca de três anos. A primeira vez que o vimos foi por fotografia, no celular, enviada pela veterinária que cuidava de nossa primeira filha de quatro patas, a Calíope. A adoção, no coração, aconteceu naquele momento, e nunca duvidamos que ele deveria ser nosso filho pet. Quando fomos buscá-lo na clínica, nossa paixão apenas se fortaleceu, e ele veio caminhando por cima do balcão na recepção, saindo das mãos das assistentes em direção ao nosso colo. Em casa, ficou arredio por uns dias, mas logo se acostumou à companhia da sua nova irmãzinha Calíope, e com a intimidade do nosso afeto e da casa que, de agora em diante, também seria sua.

Dom havia sido acolhido em um viveiro de plantas, mas ali não poderia ser sua casa permanente. A dona do lugar cuidava provisoriamente, esperando que alguém o adotasse, na esperança de não ter de devolvê-lo à rua, de onde o havia resgatado. Dom foi como passamos a chamá-lo, sem nada saber de seu passado: onde estariam seus pais biológicos? Teria tido outras famílias de humanos? Por que outros nomes já teria sido chamado? Ao que parece ele adorou ser o nosso Dom e, de fato, para ele, nosso lar foi um novo começo.